

Sao Paulo, vista de cima.

19º andar, edificio "Flat St. Regis", Alameda Lorena. Embora o nome do edificio evoque Londres, seu estilo e andaluz: 18 aldeias mouriscas, empilhadas uma sobre a outra. No 19º andar, no entanto, a Andaluzia cede lugar ao paraíso tropical, tal como o sonhavam os burgueses da Belle Epoque: piscina, palmeiras, cadeiras de preguica, bar servindo drinks, camarceiro fardado de branco e ouro. Do parapeito que cerca o paraíso desfalda-se panorama sobre um setor reduzido da cidade de Sao Paulo. O panorama sera o tema das reflexoes seguintes. Que estas sendo escritas no sul da Franca, com a ajuda de slides, feitos por meu amigo Milton Vargas. O proposito das reflexoes e tentar captar o fenomeno Sao Paulo. O proposito e facilitado pela posicao que ocupo no topo do predio: posicao de voyeur distanciado e simultaneamente mergulhado no fenomeno contemplado.

Nesta manha de agosto estou exposto a vento fresco la no topo, e um ceu palidamente azul cobre a cena. Mas vento e ceu enganam. Isto nao e a manha outonal que me cerca enquanto escrevo estas linhas. Sei que dentro de duas horas calor humido me esperara la em baixo. Mas o clima e desmentido sobretudo por bruma ocre, imovel e ameaçadora, que cobre o horizonte. Bruma eloquente: a cidade se cerca a si propria com muro opaco, feito de suas proprias emanacoes, afim que a realidade externa nao a penetre. Cidade-fortaleza.

Mas que fortaleza gigantesca. O panorama e amplo, mas cobre apenas setor reduzido. Setor limitado, de um dos lados, por elevacao coroada de edificios, que formam a avenida Paulista, e que me impedem ver o centro da cidade e os bairros interminaveis que a ele se acrescentam. Em todas as demais direcoes o terreno construido avanca bruma a dentro, e perde-se nela. Mesmo se nao o soubesse, vejo que estou contemplando uma das maiores aglomeracoes urbanas do mundo.

Por uma vez, a terminologia burocratica e adequada: "aglomeracao" e o termo justo. O que estou vendo e de fato aglomerado: colecao de elementos colados um ao outro. Nada ha de organico, de crescido, na cena contemplada. Tudo nela tem aspecto de massa inorganica, inclusive a vegetacao que transparece.

A primeira vista, o mar de edificios, casas, casebres, fabricas, armazens, pontes, terrenos baldios parece produto do acaso. Como se nao gigantesca tivesse lancado tais elementos dispares quais dados sobre a paisagem. Mas inspecao mais atenta revelara que o caos contemplado e resultado de projetos deliberados, embora nao coordenados. Os projetos se cruzam e se cancelam mutuamente: dai o caos. Cruzam-se e anulam-se em dois niveis. No primeiro nivel, projetos recentes cruzam e anulam projetos anteriores. No segundo nivel, projetos simultaneos se combatem. O caos que estou contemplando e composto de varias ordens que se entredevoram.

Primeiro nivel: a cidade e anti-historica em sentido radical do termo. Devora seu passado, afim de acabar com ele. Destroi, deliberadamente, a sua memoria coletiva. Apaga os vestigios deos seculos e dos decenios, afim de ser sempre irreconhecivel. Afim de ser sempre inhabitual para quem a habita. Isto e o

propósito de todo anti-historicismo: tornar a realidade inabitual, e portanto inabitável em sentido estrito do termo. Tal propósito, São Paulo o alcança. Mas há outro propósito em todo anti-historicismo: abrir campo para vida aventurosa. Aonde nada é habitual, tudo é surpreendente. Pois este segundo propósito, São Paulo não o alcança. A ausência de ordem na cidade é tamanha, o "ruído" em sentido informático e literal é tão grande, que nada surpreende. O próprio ruído passa a ser redundante. A vida, longe de ser aventureira, passa a ser monótona: ruído constante. Em São Paulo o passado não é substituído por futuro imprevisível. É substituído por presente que gira freneticamente. O propósito do anti-historicismo é o de inverter o fluxo do tempo: fazer com que o tempo não advenha do passado, mas do futuro. São Paulo, no entanto, constituiu-se em barreira do tempo: em presente murado.

Segundo nível: a cidade é anti-consensual, anti-social, forma anti-comunidade. Isto parece contradição de termos. Toda cidade não será "polis", espaço político, espaço de consenso? São Paulo prova que pode haver cidade anti-política, oposta ao diálogo estabelecedor de regras. São Paulo não é praça pública enorme, e copa e cozinha enorme. Não "megalopolis", mas "mega-oike". O que estou contemplando do meu 19º andar são projetos privados que se chocam contra outros projetos privados. Luta de todos contra todos. Arquipélago de vontades isoladas, não vontades em busca de uma "raça comum". Por certo: a cena revela traços de um "planejamento urbano". Há regras que ordenam o jogo das vontades em contenda. Mas tais regras não brotam da cidade, não a suportam. São regras impostas de cima. A cidade não cresce graças a regras, mas contra elas. O que vejo é individualismo refreado, não democracia.

Distingo favelas na cena contemplada, sobretudo a beira do rio Pinheiros. Tais favelas não destoam: acentuam. Se defino "favela" como aglomeração urbana produzida por projetos individuais não coordenados, e posteriormente reprimidos por regras impostas de fora, São Paulo é, toda ela, favela. Ou, mutatis mutandis: as favelas tornam visível a essência de São Paulo toda. Isto explica, de golpe, o clima que emana da cidade: clima de provisoriidade, de acampamento. Não seria surpreendente se os paulistanos decidissem, de noite para o dia, levantar campo e erigir suas tendas alhures. O apaixonante nisto não é o fenômeno em si; é o seu tamanho. Acampamentos existem em toda parte, mas não acampamentos de mais de dez milhões de habitantes.

É pois o tamanho que é o problema central na tentativa de captação do fenômeno São Paulo. Tamanho não é apenas questão de quantidade; é categoria qualitativa. Em acampamento de mais de dez milhões de pessoas a provisoriidade dá o salto qualitativo para a permanência; acampamento de tal tamanho não pode ser levantado. Provisoriidade permanente. Gigantismo "sui generis" que explica contradições aparentes. Tudo nesse colosso que é São Paulo parece pequeno, mesmo se for objetivamente grande. E tudo nele parece velho, mesmo se for objetivamente recente. Os maiores edifícios já são pequenos, se comparados com os em construção ao lado, mesmo se tais construções estejam paradas, (como sol acontecer atual-

mento). E as obras mais recentes ja parecem ultrapassadas, se comparadas com o que esta sendo projetado. Nao conheco lugar no mundo aonde as coisas envelhecem mais rapidamente. Nao apenas porque, aonde nada e antigo, tudo e velho. Mas sobretudo porque, aonde tudo e provisório, tudo esta ultrapassado no momento mesmo que surge. A falta de memoria, e a falta de politizacao, faz com que Sao Paulo seja o oposto de monumento, embora seja gigantesco. E isto explica tambem o seu curioso provincianismo cosmopolita.

A contemplacao de Sao Paulo exige comparacao com outras cidades. A razao disto nao e, como muitos acreditam, sua falta de personalidade que possa ser captada isoladamente. Ha personalidade paulistana, embora personalidade impessoal; a falta de rosto. Sao Paulo precisa ser comparada, porque e aglomerado de modelos trazidos de fora. Captar Sao Paulo e procurar pela origem dos modelos. Ja mencionei o modelo londrino, andaluz e tropicalista que se amalgamam no predio em cujo topo me encontro. A comparacao que se impoe e a com cidades norte-americanas. Nao por causa de semelhanca superficial; as cidades norte-americanas sofrem do mesmo "síndrome de San Gimignano", (inflacao de torres). Mas porque as cidades norte-americanas, elas tambem, importam modelos. Quem passeia por rua nova-iorquina ou bostoniana passa por castelo gotico ladeado de templo jonico e de casa de campo edwardiana. Pois tal comparacao vai revelar diferencas mais que semelhanças. Na cidade norte-americana trata-se de assimilar modelos importados a estrutura pre-existente. Em Sao Paulo trata-se de amalgamar modelos.

Do topo do meu predio vejo os bairros residenciais que sao amalgama de modelos. Quando afirmei que Sao Paulo toda e favela, esqueci deliberadamente a miserabilidade das favelas. Os bairros residenciais sao tudo menos miseraveis. Sao abastados, e ate "luxuosos", no sentido no qual meu proprio edificio e luxuoso. Embora sejam vizinhos das favelas no sentido exato do termo. Prova adicional do carater anti-social da cidade. Pois as casas que compoem os bairros formam especie de decalcomania da historia da humanidade: chale suico, templo egipcio, pagoda chinesa, mesquita persa, palacio florentino, casa de campo normanda, Art nouveau, Bauhaus. Os jardins, eles tambem, imitam: pinheiros alpinos, papyrus, jardim Zen, oasis, parque francez, cipreste toscano. Muitas de tais casas deixaram de ser residencias e passaram a ser escritorios, quando sao iluminados feericamente de noite. Em tais residencias transformadas os jardins sao utilizados como estacionamento de carros de modelo americano, alemao, japonéz e italiano. Pois tal amalgama nao pode ser julgado simplesmente Kitsch, caracteristico de nouveaux riches no mundo inteiro. Em Sao Paulo tem outro significado, que precisa se analisado mais atentamente.

Os bairros residenciais sao respostas individuais ao carater coletivamente anti-historicista da cidade. Conjuram historia onirica, sao sonhos. Quem mora em chale suico ou templo egipcio nao rememora raizes alpinas ou niloticas, mas sonha. Pois isto e o oposto do que se da em cidade norte-americana. Quem constroi castelo gotico na Quarta Avenida esta proclamando: "eu tambem sou europeu, e minhas raizes europeias darao frutos no Novo Mundo". Quem constroi um Karnak em

4

miniatura no Jardim America esta proclamando: "eu estou fora da historia, e por isto posso conjura-la aonde e como bem o entendo". O Kitsch e o mesmo, mas a mensagem e outra. Por isto seria inconcebivel que se transfira, pedra por pedra, mosteiro dos Pirineus para o Ibirapuera, como aconteceu com Cloisters. A Casa de Cha no Ibirapuera nao se quer "autentica", portanto mentira, mas quer-se sonho. E o seu carater onirico, fantasmagorica, "alienado", que distingue Sao Paulo das cidades norte-americanas, as quais, elas, sao "falsas". Em Sao Paulo os modelos nao pretendem apôbar-se sobre pretensa realidade, admitem que se impoem sobre ela.

Sera que comparar Sao Paulo com as cidades africanas tera maior sucesso? Ao contemplar a cena, estarei vendo fenomeno comparavel com Lagos ou Kinshasa? Nao conheco tais cidades, mas supponho que a comparacao e falha. Suspeito que a cidade africana e movida pela vontade de vinganca. Os modelos ocidentais vao sendo roubados, afim de poderem ser dirigidos contra os seus autores. Nada disto e vivenciavel em Sao Paulo. Por certo; a aglomeracao de Kitsch com miseria contra o pano de fundo de natureza tropical destruida deve fazer com que Sao Paulo e Lagos se parecam. Mas o espirito e outro. Em Lagos, espirito de revolta. Em Sao Paulo, sonho. E ao dizer isto, estou me aproximando, creio, da essencia desta cidade inacreditavel.

O que estou vendo, do meu 19^o andar, e pesadelo. Mas, por detraz dele, vislumbro os contornos de um sonho diferente. O pesadelo visivel encobre o sonho apenas suspeitavel. Sonho de sociedade emancipada do fardo da historia com seus crimes incontaveis. Sociedade de homens que perseguem seus projetos individuais, e que recorrem, para tanto, a todos os modelos disponiveis, sem preconceito em favor ou contra modelo determinado. Sociedade que despreza a natureza na qual vive, tanto quanto despreza a historia da qual surgiu, porque suas raizes nao estao nem no espaco, nem no tempo, mas na liberdade do espirito humano. Sonho de sociedade impossivel. Mas sonho poderoso.

Vejo tal sonho nos rostos dos que me cercam. Fosse o pesadelo a unica realidade paulistana, tais rostos seriam os de sombras no Orcus. Sao, pelo contrario rostos de quem espera pela realizacao do outro sonho, (embora a paciencia da espera comece a esgotar-se). Por certo; os rostos espelham tambem a derrota sofrida pelo espirito humano em sua luta titanica contra a determinacao pelo espaco e pelo tempo. Dessa luta de ante-mao condenada. Mas haveria algo mais belo que o espirito em sua luta absurda? Por isto, a cena que estou contemplando nao pode ser feia. Com todo horror que causa, nao e possivel nao ama-la.